

**A formação integral do ser humano à luz das ideias
de Ken Wilber e a prática educativa**

**The human being integral formation upon the light
of Ken Wilber's ideas and educational practice**

**La formación integral del ser humano a la luz de las ideas
de Ken Wilber y la práctica educativa**

Maribel Oliveira Barreto

Instituto Superior de Educação Ocidental (Iseo), Salvador/BA – Brasil

Jane Luci Ornelas Freire

Universidade Tiradentes (Unit), Salvador/BA – Brasil

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de compreender a perspectiva da formação integral do ser humano à luz das ideias de Ken Wilber, dando pistas para uma prática educativa integral. Apresenta o pensamento filosófico de Ken Wilber, que propõe uma visão integral do ser humano como tarefa de filósofos e pesquisadores de variadas ciências contemporâneas, inclusive de educadores. A metodologia definida se refere à pesquisa bibliográfica, com base nas obras centrais no constructo teórico de Ken Wilber (1999; 2000a; 2000b; 2001a; 2001b). As categorias centrais da pesquisa são o contexto da modernidade, o desafio do atual mundo moderno e seus impactos na formação integral do ser humano, o modelo teórico evolucionário do ser humano segundo Ken Wilber, bem como caminhos para o desenvolvimento de uma prática educativa integral. Como conclusão, evidencia as possibilidades de relacionar as ideias de Ken Wilber a uma prática educativa integral.

Palavras-chave: Formação integral, Ken Wilber, Prática educativa, Ser humano

Abstract

This article aims to understand the perspective of human being integral formation in the light of Ken Wilber's ideas, giving clues to an integral educational practice. It presents Ken Wilber's philosophical thought, which proposes an integral vision of human being as a task for philosophers and researchers from various contemporary sciences, including the educators. The methodology refers to bibliographical research, based on the central works in the theoretical construct of Ken Wilber (1999, 2000a, 2000b, 2001a, 2001b). The research's central categories are the context of modernity, the modern world's challenge and its impacts on the human being integral formation, the human being evolutionary theoretical model according to Ken Wilber, as well as paths for an integral educational practice development. In conclusion, it highlights the possibilities of relating Ken Wilber's ideas to an integral educational practice.

Keywords: Integral formation, Ken Wilber, Educational practice Human being.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo comprender la perspectiva de la formación integral del ser humano a la luz de las ideas de Ken Wilber, dando pistas para una práctica educativa integral. Presenta el pensamiento filosófico de Ken Wilber, quien propone una visión integral del ser humano como tarea de filósofos e investigadores de diversas ciencias contemporáneas, incluso la de los educadores. La metodología definida se refiere a la investigación bibliográfica, basada en los trabajos centrales en el constructo teórico de Ken Wilber (1999, 2000a, 2000b, 2001a, 2001b). Las categorías centrales de la investigación son el contexto de la modernidad, el desafío del mundo moderno actual y sus impactos en la formación integral del ser humano, el modelo teórico evolutivo del ser humano según Ken Wilber, así como caminos para el desarrollo de una práctica educativa integral. En conclusión, se destacan las posibilidades de relacionar las ideas de Ken Wilber con una práctica educativa integral.

Palabras clave: Formación integral, Ken Wilber, Práctica educativa, Ser humano

1. Introdução

Quais os impactos do contexto da modernidade e do atual mundo moderno na formação integral do ser humano? Qual o modelo teórico evolucionário do ser humano de acordo com Ken Wilber? Quais as perspectivas para o desenvolvimento de uma prática educativa integral? Com essas questões em mente, lançamo-nos à investigação, na tentativa de buscar respostas, à luz da abordagem teórica nas obras de Ken Wilber.

Procedemos à investigação, apoiadas metodologicamente em Lakatos e Marconi (1999), desenvolvendo uma pesquisa bibliográfica, em três momentos: a) identificação de fontes seguras de Ken Wilber relativas ao tema, formação integral do ser humano; b) localização de tais fontes, através de livros e escritos diversos; c) e compilação das informações, fazendo a análise crítica e síntese dos estudos de Ken Wilber (1999; 2000a; 2000b; 2001a; 2001b), na perspectiva de relacioná-los a uma prática educativa integral.

O presente artigo tem, portanto, o objetivo de compreender a perspectiva da formação integral do ser humano à luz das ideias de Ken Wilber, dando pistas para a prática educativa integral, e foi fruto de pesquisa de doutorado na Universidade Federal da Bahia.

Esse autor nos proporcionou o arcabouço teórico de compreensão de uma educação integral e nos forneceu o suporte para compreender e sistematizar tal perspectiva. Assim, uma prática educativa, a partir de uma visão

integral, emerge como um antídoto, entre outros, para a nossa sociedade. Aqui, estamos tratando de um contexto de sociedade alicerçado no descaso em relação aos valores integrais do ser humano, demonstrado nas nossas ações cotidianas, tanto do ponto de vista pessoal, através da desatenção conosco e com o outro, quanto do ponto de vista da educação, através de formação de profissionais e técnicos, muitas vezes, alheios aos valores humanos.

Cabe ressaltar que esses profissionais, no geral, tornam-se competentes em suas ações específicas, mas, por vezes, não são capazes de compreender a realidade e agir em função do todo. Assim, eles podem desenvolver uma ação eficiente, porém, nem sempre adequada do ponto de vista humano, seja ela individual ou coletiva.

Nesse sentido, tem-se tornado premente a preocupação de todos com o estado de agressão à vida no planeta. Essa inquietação conduz a pensar que o ser humano deve ser o alvo central de cuidados na formação da educação, em todas as suas modalidades. Urgem, portanto, mudanças radicais nas ações humanas, as quais, na maior parte das vezes, estão caracterizadas por um egocentrismo desumanizador, fruto da falta de atenção às suas consequências.

Exemplo disso é o uso da energia nuclear e fóssil em detrimento do meio ambiente e do próprio ser humano. O uso descuidado desses recursos, por parte daqueles que têm técnicas e orçamento em seu poder, vem causando ao planeta danos inesperados e negativos, mostrando que o próprio ser humano se tornou produtor singular desses efeitos.

Essa configuração do presente traz, ao nosso ver, exigências de que a conduta e a ação humanas sejam orientadas ou reorientadas por uma compreensão que tenha por base a preservação, simultaneamente, da vida individual e coletiva. Isso, por sua vez, implica na necessidade da adoção de novas perspectivas e novos modos de atuar em educação.

O predomínio da ética do lucro age em detrimento da vida e em favor de um desmesurado descuido do ser humano consigo mesmo e com o outro, assim como com o meio em que vive. Todavia, vale ressaltar que, mesmo diante desse cenário contraditório, não nos convence a afirmação de que o ser humano é resultado de uma experiência que deu errado.

Ao contrário, acreditamos que o ser humano é um ser inacabado e em processo, por isso mesmo, educável, o que significa que pode e deve ser orientado para assumir uma práxis saudável diante da vida. Para tanto, reconhecemos que é inegável, no presente, a necessidade de uma visão integral do ser humano, em suas diferentes dimensões e necessidades.

Constatamos, ao longo da nossa busca de dados, que o caminho percorrido pela humanidade nas suas diferentes etapas evolutivas, caracterizadas por distintos modos de sentir, pensar e agir, causou, inegavelmente, progressos e avanços que contribuíram para a melhoria da qualidade de vida da população mundial, demonstrados pela melhoria de índices de desenvolvimento humano e social.

Por outro lado, o que observamos, de fato, é que os chamados progressos não conseguiram equacionar, com adequação, todas as dimensões do ser humano, levando-o a um desenvolvimento unilateral de suas potencialidades. Manifesta-se, assim, que o mesmo remédio que cura, se usado unidirecionalmente, também pode conduzir a limitações e, nas situações mais graves, à destruição.

2. O atual mundo moderno e seus impactos na formação integral do ser humano

No atual mundo moderno, a ciência e a tecnologia têm trazido benefícios inegáveis para a humanidade. Contudo, separadas da filosofia, da ética, da arte e da espiritualidade vêm acentuando a visão dualista da realidade e do ser humano, uma vez que perderam o referencial integral da existência humana.

Dessa forma, a modernidade tem sido pautada pelo predomínio de uma das dimensões do ser humano: a dimensão externa. Essa, com certeza, manifesta parte de suas necessidades, portanto, é uma visão restrita, por não levar em conta as dimensões internas.

Nesse momento da história, é constatável que já passamos por muitas experiências sociais, já abraçamos diversas teorias, e a questão da integração do ser humano ainda está em aberto, instigando em nós o senso questionador sobre o fato de que uma abordagem que zele somente pela dimensão exterior do ser humano não basta. Contudo, isso não quer dizer que devemos abandonar

a ciência e a tecnologia, mas, sim, buscar integrá-las no todo do ser humano. Assim sendo, uma das reais necessidades contemporâneas é uma efetiva e peculiar revolução integral do ser humano.

Por outro lado, não podemos ser ingênuos em acreditar que uma revolução dessa natureza se originará de elites governantes ou será proveniente de instâncias superiores figuradas como ordem divina, numa dimensão de fora para dentro, ou da sociedade para o indivíduo, mas ocorrerá, sim, através de uma transformação interior do ser humano, considerado na sua dimensão individual e coletiva.

Nosso apelo pela revolução integral do ser humano não está afeto a nenhuma abordagem religiosa ou mítica. É, antes de tudo, um apelo por um equilíbrio de nossas mentes, para que possamos, pelo menos, iniciar uma jornada que nos distancie da nossa rotineira preocupação com nossos egos e não nos esqueçamos de que somos apenas uma peça dentro de um conjunto.

Evidencia-se, portanto, em todas as instâncias sociais, a necessária reivindicação dos seres humanos para passarem a ser tratados como organismos vivos, capazes de sentir, pensar, agir e construir valores. Entendemos que só a educação é capaz de preparar o solo que propiciará essa mudança, tendo presente a multidimensionalidade do ser humano, a qual se manifesta através de facetas mais visíveis ou menos visíveis. A mais facilmente observável é sua dimensão objetiva, que se apresenta através do corpo físico-biológico. A menos observável e mais sutil é sua dimensão subjetiva.

Em função disso, tomamos o pensamento de Ken Wilber para compreendermos uma ótica a serviço de uma formação integral do ser humano. Esse autor, em seus quarenta e oito anos de investigação acerca do ser humano, frente à filosofia, antropologia e psicologia, produziu uma visão integral sobre ele, oferecendo-nos recursos para uma compreensão sistemática e orgânica, tendo presente as diversas dimensões humanas.

Essa compreensão nos dá a base para assumirmos que faz sentido, assim como é necessária, uma prática educativa que esteja atenta ao ser humano sob a ótica integral, no atual mundo moderno. Por esse motivo, Wilber é um importante investigador que integra a ciência e a filosofia ocidental com as

tradições da sabedoria oriental, tornando possível a integração do objetivo com o subjetivo.

3. O modelo teórico evolucionário do ser humano segundo Ken Wilber

O núcleo de sua obra é um modelo teórico evolucionário do ser humano, tanto em seus aspectos ontogenéticos (fases pré-pessoal, pessoal e transpessoal) quanto filogenéticos (desenvolvimento da raça humana, com suas respectivas unidades taxonômicas). Seu propósito, dialogando com muitos campos do saber humano, tais como a sociologia, a psicologia do desenvolvimento, a antropologia biológica e cultural, a psicologia clínica, a filosofia perene, a história e a epistemologia, é integrar diferentes modelos teóricos, formulando uma abordagem integral sobre a vida e o ser humano.

O objetivo principal dos estudos de Wilber é formular uma teoria do todo, que demonstre a integração de todos os campos da experiência humana, posicionando as diferentes verdades parciais num modelo amplo e integral. Em seus estudos, nunca perde de vista o panorama geral, estando atento às possibilidades de articular verdades parciais (ecologia, feminismo, física, holismo) em uma compreensão integral, que, para ele, é mais verdadeira e adequada.

As contribuições do pensamento de Ken Wilber, em todas as fases, nos oferecem indicadores significativos para compreendermos a formação integral do ser humano. Entretanto, suas últimas e atuais formulações acerca da visão da consciência são as mais significativas para constituir uma moldura que permita sentir o significado de uma concepção de educação que supere o modo fragmentado de conhecimento da realidade. Essa fragmentação tem gerado conflitos nas práticas educativas, seja no âmbito familiar, seja na política, seja em outras facetas da vida humana.

Entender o ser humano sob a ótica integral remete-nos ao modelo de consciência, cujo foco é constituído pela abordagem de “todos os quadrantes, todos os níveis”. No presente, além de abordar a consciência como uma holarquia, Wilber acrescenta o fato de que cada nível (sensório, mente e espírito) dessa holarquia se manifesta através de quatro dimensões ou quadrantes:

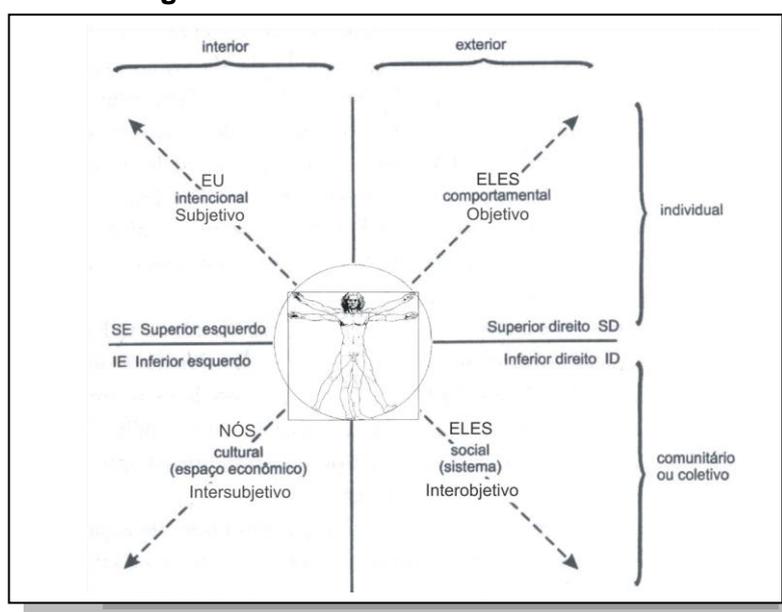
individual-subjetivo (intencional), individual-objetivo (comportamental), coletivo-subjetivo (cultural) e coletivo-objetivo (sistemas sociais).

Compreender a realidade através da perspectiva de “todos os quadrantes, todos os níveis” possibilita superar os limites da visão tradicional da Grande Cadeia do Ser, que centrava exclusivamente na dimensão espiritual do ser humano, descuidando-se da dimensão comunitária (ética), assim como da dimensão objetiva, externa (tratada pela ciência). Para chegar a essa formulação, Ken Wilber se serve de dois olhares integrados sobre a vida humana: um olhar horizontal, através do qual ele descobre as dimensões, e um vertical, que lhe permite descobrir os níveis.

4. Visão horizontal das dimensões do ser humano: todos os quadrantes

Analisando o modo de ser e as múltiplas tentativas históricas de abordar o ser humano, o autor descobre as dimensões: interiores, individual e coletiva (subjetivas) e exteriores, individual e coletiva (objetivas). A figura abaixo ajuda a compreender essa descoberta.

Figura 01 - Os Quatro Quadrantes



Fonte: Barreto (2005, p. 40), adaptada de Wilber (2001a, p. 93)

Para compreender a figura acima, visualizamos o ser humano no centro e, daí, suas quatro dimensões. Ao mesmo tempo, e sempre, cada sujeito vive, convive, age e reage nessas quatro dimensões. Ao mesmo tempo, vive o Eu e o

Nós internos (dimensões interiores individual e coletiva) e se manifesta externamente no Eu e no Nós objetivos (dimensões: individual comportamental e coletiva sistêmica).

A expressão “todos os níveis”, por sua vez, conduz ao reconhecimento de que, em cada um dos níveis (sensório, mente, espírito), há um interior individual e coletivo, assim como um exterior individual e coletivo. Isso possibilita, em cada nível de ser e de conhecer, uma experiência estética (EU), uma experiência ética (NÓS), uma “ciência” sobre cada fenômeno individual, bem como uma “ciência” sobre os sistemas de fenômenos coletivos (ELE).

Os teóricos e investigadores dos conteúdos da dimensão individual objetiva (dimensão do EU objetivo), por exemplo, centraram-se no exterior do indivíduo, dando origem ao comportamentalismo, ao empirismo, à biologia, às ciências cognitivas, à neurologia, à fisiologia cerebral, entre outros. Enquadra-se, nessa dimensão, a versão científica que aborda os componentes individuais observáveis do universo (átomos, moléculas, células simples, incluindo organismos mais complexos), que se constituem em hólons.

Os respectivos hólons, seguindo a escala evolutiva, são sucessivos e progressivamente mais complexos e elevados, mais profundos ou mais extensos, transcendendo e incluindo os anteriores. Eles se desenvolvem, na visão de Wilber, por processos de diferenciação-e-integração, que causam patologias quando desarmonizados.

Na dimensão coletiva sistêmica (dimensão do NÓS objetivo), estão representadas as abordagens objetivas dos sistemas coletivos. Refere-se ao estudo das relações que constituem as configurações sistêmicas da realidade: a sociedade, os sistemas naturais, os ecossistemas, a rede ecológica da vida, a teoria sistêmica, as teorias do caos e da complexidade, as estruturas tecnoeconômicas, a política, a sociedade. Ou seja, o objeto de estudo é compreendido na teia de suas relações e em decorrência delas.

Essas duas dimensões, segundo o autor, representam realidades objetivas ou exteriores que têm uma localização no mundo empírico. Os quadrantes (ou dimensões) da [...] direita [do gráfico] são os hólons vistos pelo lado de fora, num tipo de investigação objetiva, empírica e científica (WILBER,

2001a). Por serem exteriores e objetivos, são descritos na linguagem do ELE, que se expressa pela ciência e tecnologia contemporâneas.

Com essa abordagem, Wilber (2001a) torna claro que, ao longo da história, os diferentes pesquisadores da ciência preferiram centrar sua atenção nas dimensões objetivas do ser humano, cujos dados podem ser percebidos pelos sentidos ou por suas extensões, ou seja, empiricamente, excluindo tudo o mais que pode ser conhecido.

A dimensão do Eu interno (quadrante superior esquerdo) inclui, segundo o autor, as experiências interiores estudadas pela psicologia, filosofia e espiritualidade. Essa dimensão é descrita na linguagem do EU, relativo à consciência, subjetividade, autoexpressão, verdade, sinceridade.

Notem a diferença entre o interior do indivíduo, como, por exemplo, a mente, e o exterior do mesmo, como o cérebro. A mente é conhecida por conhecimento direto; o cérebro, por uma descrição objetiva. Conhecemos a nossa mente direta, imediata e intimamente: todos os pensamentos, sentimentos, aspirações e desejos que percorrem a nossa consciência o tempo todo. O cérebro, por outro lado, embora se localize "dentro" do organismo, não está no interior da nossa consciência, como a mente. O cérebro é percebido de uma forma exterior e objetiva. Portanto, em última análise, a mente e o cérebro são duas visões diferentes da nossa consciência individual, uma de dentro e outra de fora; uma interior e outra exterior. (WILBER, 2001b, p. 61)

A dimensão do Nós subjetivo (quadrante inferior esquerdo), por sua vez, refere-se aos valores que são partilhados com a comunidade, sendo descrita na linguagem do NÓS. Resulta em uma visão ética da vida. Essa dimensão envolve a ética, a moral e a cultura; o significado intersubjetivo, a compreensão mútua, a justiça.

À medida que os hólons cognitivos individuais se desenvolvem – lembra o autor – evolui a consciência dos indivíduos, aumentando em profundidade, desde simples sensações até imagens, conceitos e raciocínio (esquerdo superior); também a visão de mundo coletiva se torna mais profunda e mais complexa (esquerdo inferior). (WILBER, 2001b, p.62)

Enquanto a dimensão individual interior representa a dimensão da consciência individual e subjetiva, a dimensão coletiva interior representa as dimensões das formas intersubjetivas da consciência, os significados, valores e contextos culturais, sem os quais a consciência individual não se desenvolveria nem funcionaria.

Assim, os dois quadrantes do lado esquerdo da figura expressam as dimensões subjetivas ou interiores, que não estão localizadas no espaço físico, mas em espaços emocionais, mentais e cognitivos. Na figura, “[...] os quadrantes da mão esquerda são os hólons vistos pelo lado de dentro, pelo interior, como parte da consciência e experiência vividas diretamente” (WILBER, 2001b, p.62). E, por serem interiores e subjetivos, são descritos na linguagem do EU e NÓS.

Vale considerar, ainda, que as quatro dimensões, individualmente, possuem contornos e tipos de dados muito diferentes e distintos “tipos de verdade”, que precisam ser reconhecidos e respeitados, pois constituem a parte “diversificada” da unidade-na-diversidade; e essa diversidade, de acordo com Wilber (2001b), é tão importante quanto a unidade. As dimensões não são elementos separados, mas, sim, dimensões de um mesmo ser; daí a necessidade de visualizarmos a figura dos quadrantes, colocando o ser humano (sujeito) em seu centro, a fim de compreendermos que as dimensões são facetas integradas do único e mesmo sujeito.

Então, cada um de nós, ao mesmo tempo, vivencia a dimensão do Eu, do Nós e do Ele (individual e coletivo). Uma dimensão não é melhor nem preponderante sobre a outra. O estético (EU, espiritualidade) se dá ao mesmo tempo em que se dá o ético (NÓS, cultura), ao mesmo tempo em que se expressa no comportamento individual e sistêmico externos.

Uma visão integral do ser humano, no ver de Wilber (2001b), implica na consciência e na vivência das quatro dimensões que se expressam nos quatro quadrantes da figura. Esses, por sua vez, podem ser reduzidos a três, na medida em que os quadrantes objetivo, individual e coletivo formam uma totalidade pelo modo de abordar da ciência. Tanto o individual como o coletivo da experiência externa do ser humano buscam a verdade com base em fatos.

Assim sendo, as quatro dimensões poderiam se reduzir a três: Eu (estética, espiritualidade), Nós (ética, valores, comunidade) e Ele (ciência do individual e do coletivo). Desse modo, teríamos um conhecimento que se realiza introspectivamente (o Eu), um que se realiza na convivência comunitária (o *ethos*); e, um que se realiza através da percepção e compreensão dos fatos e das relações entre eles (a ciência).

Wilber (2001b) pesquisou exaustivamente diversas visões de mundo, entre elas: a teoria de sistemas, as ciências ecológicas, a cabala, a psicologia desenvolvimentista, o budismo iogachara, o desenvolvimento moral, a evolução biológica, o hinduísmo vedanta, o neoconfucionismo, a evolução cósmica e estelar e toda uma gama de ninhos pré-modernos, modernos e pós-modernos. Agrupou-as de diferentes formas e percebeu que, sem exceção, elas se enquadravam em uma das dimensões existentes, que lidam com o interior e o exterior. Da mesma forma, com o individual e coletivo, indo além tanto da hierarquia clássica da religião tradicional como da hierarquia padrão da ciência moderna.

5. Visão vertical das dimensões do ser humano: todos os níveis

Até aqui, observamos uma visão horizontal das dimensões do ser humano. Todavia, articulando essas dimensões com a grande cadeia do ser, Wilber (2001b) encontra os níveis verticais de consciência, que nos revelam que as quatro dimensões se realizam em cada um dos níveis, o que lhe permite dizer que uma visão integral do ser humano implica em todos os quadrantes (dimensões horizontais) e em todos os níveis (dimensões verticais).

Servindo-se de uma metáfora de São Boaventura, na perspectiva vertical, Wilber (1999) diz que nós temos três “olhos do conhecimento” – o olho da carne, o olho da mente e o olho do espírito, expressando os três níveis de percepção da realidade que vivenciamos ou podemos vivenciar – o nível dos sentidos, o nível da inteligência e o nível da contemplação. Esses três níveis estão dispostos verticalmente, indo do mais simples para o mais sutil e complexo.

No nível dos sentidos ou sensorial, devem ser incluídas as experiências a partir do “olho da carne”. São aquelas nas quais percebemos o mundo exterior, sem desconsiderar o desenvolvimento da estética e da ética, ainda que de forma restrita. Pelo “olho da carne”, vivenciamos e compreendemos um mundo onde as experiências sensoriais podem ser compartilhadas com outros seres humanos que têm estrutura sensorial similar, porquanto é a partir desse nível de experiência, que nossa consciência manipula o conhecimento sensível de tempo e espaço, ou seja, é a partir dele que se manifestam as experiências empíricas. Wilber (1999) entende que é com base no conhecimento do “olho da carne” que

grande parte do pensamento moderno se sustenta. É o conhecimento sensório das realidades empíricas.

No nível da inteligência ou da mente, dão-se os conhecimentos racionais e/ou intelectivos. Através do "olho da mente", envolvemos o mundo das ideias e dos conceitos, que nos possibilitam uma estética focada no mental e uma ética baseada em contratos, na justiça. O "olho da mente" visualiza o mundo da lógica, das imagens e, fundamentalmente, dos conceitos, podendo, inclusive, transcender o "olho da carne", pois, através dele, por exemplo, o ser humano pode reproduzir, por meio da imaginação e da abstração, objetos sensoriais que não existem.

Por fim, no nível da contemplação ou do espírito, dá-se a experiência da vivência espiritual, através do "olho da contemplação", momento em que nos apropriamos da vivência do uno, do sem-forma, da plenitude do ser. Esse nível favorece as experiências unitivas/diretas do ser humano, a partir da ampliação da percepção, em um nível transcendental, transracional, translógico e transmental, a qual não pode ser reduzida nem ao conhecimento mental, nem ao emocional.

Com isso, Wilber (1999) quer dizer que todo ser humano tem possibilidades de acessar e transitar pelos três níveis de ser e de conhecer – o "olho da carne", o "olho da mente" e o "olho do espírito" –, o que corresponde aos três tipos de conhecimento: o empírico, o intelectivo e o contemplativo.

Aqui, vale a ressalva feita pelo próprio Wilber (1999), de que não podemos reduzir um nível a outro, pois cada um tem sua especificidade dentro de seu domínio. O nível sensório corresponde à aproximação dos objetos do mundo empírico e tem sido o mais utilizado intensiva e extensivamente. Todos já têm acesso a esse nível de conhecimento, porquanto ele é o mais imediato, simples e direto de todos os outros.

Já o nível de consciência, correspondente ao "olho da mente", é mais exigente do ponto de vista da sensibilidade e da capacidade de operar com o abstrato. Isso exige desenvolvimento das habilidades mentais de abstração, compreensão, raciocínio, indução, dedução, implicação etc., produzindo um estado de ser e conhecer mais complexo que o manifesto no nível sensório. Ela opera abstratamente e, por isso, de maneira mais livre e criativa.

Por fim, o nível do conhecimento contemplativo ou unitivo corresponde ao “olho do espírito”. É o nível mais complexo e abrangente, segundo o autor. A contemplação exige um olhar e um perceber que extrapolam o aparente, permitindo a vivência de experiências que se dão para além dos raciocínios indutivos, dedutivos e implicativos. São experiências da percepção e intuição. Dessa forma, o uno não se dá no raciocínio, mas, sim, na intuição, na percepção instantânea do pleno, do sem forma.

Nesses três níveis de conhecimento, se dão a estética, a vivência dos valores e a vivência da verdade, ou seja, a arte/espiritualidade, a ética e a ciência.

Com essa estrutura epistemológica montada, Wilber (1999) visualiza a possibilidade de compreender a expressão “todos os quadrantes, todos os níveis”. Em cada um dos níveis de conhecimento, dar-se-iam as quatro dimensões do ser humano. Assim sendo, tanto no nível sensorio, como no nível da mente ou da contemplação, dar-se-iam as dimensões do Eu, do Nós, do Ele individual e do Ele coletivo, ou seja, em todos os três níveis, temos uma estética, uma ética e uma ciência. Em qualquer um dos três níveis de consciência, o ser humano vivenciará uma estética/espiritualidade, uma ética e uma ciência. A ciência, aqui, evidentemente, em seu conceito bem amplo.

Para que possamos validar o conhecimento das experiências vivenciadas, em qualquer domínio, Wilber (1999) afirma que precisamos usar três critérios de validade: 1) a injunção instrumental; 2) a apreensão indutiva; e 3) a falseabilidade. A injunção instrumental se refere ao recurso do conhecimento que se obtém pela indicação “do que fazer” para se ter o conhecimento. Assim, se alguém quer ter uma experiência específica, podemos indicar-lhe os passos de como atingi-la. Por exemplo: “se você quer isso, terá que fazer x...”. A injunção tem a ver com uma metodologia já testada. Quem quiser, poderá realizá-la.

A apreensão indutiva, por sua vez, relaciona-se com a experiência por si mesma. Associa-se com o ato de experimentar direta e imediatamente, testando hipóteses e evidências. Diz respeito à utilização de fatos que permitam a generalização de uma afirmação e que comprovem a afirmação que estamos fazendo. Não é um “dizer por dizer”, mas um dizer com fundamento nos fatos.

Por último, o critério da falseabilidade. Frente a tal critério, todo conhecimento, para ser válido, necessita de poder ser confrontado, caso contrário, ele é um dogma, por isso mesmo, sua validade não poderá ser discutida.

Para que, nos três níveis, se deem uma estética, uma ética e uma verdade, importa termos conhecimento de que há uma estética/espiritualidade no nível sensório, no nível da mente e no nível da contemplação. Nas artes plásticas, por exemplo, encontramos pinturas realistas (sensórias, que copiam a realidade), pinturas abstratas (mentais, que expressam a realidade) e pinturas intuitivas (unitivas, que expressam os sentimentos e as percepções do inefável).

Também há uma ética que se manifesta nos três níveis: a ética pré-convencional, egocêntrica, infantil, que quer tudo para si, que se realiza no nível sensório. Há uma ética convencional, sociocêntrica, adulta, que se realiza no nível dos princípios da mente abstrata; é a ética dos contratos, da justiça, da capacidade de cumprir os tratos convencionados entre sujeitos. E ainda uma ética pós-convencional, centrada no amor universal, no serviço do outro, na disposição e na prática do servir, sem esperar ou desejar algo em troca.

Nos três níveis, se dá uma ciência, se por ciência pudermos entender a compreensão que se fundamenta em fatos; e se, “por fatos”, nós pudermos entender acontecimentos, eventos que são vivenciados, percebidos e compreendidos pelo ser humano. Para tanto, importa incorporar um sentido ampliado do que é fato empírico. No caso, “fato” é acontecimento, evento, e “empírico” se refere àquilo que é perceptível pelos diversos recursos cognitivos – sensação, raciocínio, intuição.

Nesse contexto, para podermos admitir uma ciência nos três níveis, além de ampliarmos o conceito de ciência e de fatos empíricos, necessitamos estabelecer critérios de verdade que possam validar a “ciência” (o conhecimento da verdade) nos três níveis.

Assim sendo, teremos também três níveis de ciência. A ciência empírica, experimental, que tem seus fundamentos no nível sensório, servindo-se aí dos critérios de injunção, comprovação empírica e falseabilidade. As ciências que trabalham com objetos puramente abstratos, como a matemática e a lógica, também operam a injunção, na medida em que podem indicar como fazer,

podem justificar suas afirmações com fatos que se dão no nível da mente, assim como suas afirmações podem ser confrontadas, por isso mesmo, podem ser modificadas.

Há ainda uma ciência no nível da contemplação, um conhecimento que pode se servir da injunção, indicando “como fazer” na contemplação. Há uma comprovação nos fatos, na medida em que dois contemplativos podem se entender na apresentação e discussão de suas experiências, assim como, nesse nível, tudo o que for afirmado não é absoluto, ou seja, pode ser confrontado e transformado.

Dessa forma, a estética/espiritualidade, a ética e a ciência, em cada um dos três níveis de consciência, só serão possíveis se os sujeitos que as vivenciam já tiverem atingido esses níveis de consciência. Com os recursos do nível sensorio, só será possível chegar à estética, à ética e à ciência desse nível de consciência. O mesmo ocorre com os outros dois níveis. Assim, só se poderá atingir uma estética/espiritualidade, uma ética e uma ciência do nível da mente ou da contemplação com os recursos de seu nível de consciência respectivo.

Portanto, com os recursos do nível sensorio, não será possível a apropriação de conhecimentos do nível da mente e da contemplação. Coisa semelhante ocorre com os recursos da mente, que, por si só, não dão acesso às experiências da contemplação. Todavia, o contrário pode ocorrer, ou seja, aquele que atingiu os recursos da contemplação também pode se servir dos recursos da mente e dos sentidos.

Enfim, vale observar que, para Wilber (2000a), não necessariamente, as três grandes esferas do conhecimento – estética/espiritualidade, ética e ciência – se desenvolvem ao mesmo tempo e com o mesmo padrão de perfeição. Ele associa os níveis a linhas de desenvolvimento. Assim, por vezes, o estético/espiritual poderá se desenvolver mais que o ético e o científico; outras vezes, o ético se desenvolverá mais que o estético e o científico; o mesmo ocorre com o científico. Essas linhas de desenvolvimento irão se apresentar com maior ou menor intensidade e vão depender dos processos psicossociais-espirituais vivenciados por cada sujeito.

Desse modo, completa-se a visão integral de Wilber (2000a) sobre o ser humano, como um sujeito que pode se realizar plenamente em todas as dimensões e níveis.

6. Pistas para o desenvolvimento de uma prática educativa integral

É aqui que entra o papel da educação como recurso para o desenvolvimento consciente do ser humano integral. As perspectivas estão disponíveis, mas elas são potenciais que necessitam de atualização e saída em direção ao mundo das possibilidades, para poderem se manifestar em atos na vida cotidiana. Aí a educação pode e deve operar como recurso que oferece condições para a atualização das potencialidades (no sentido de transformar as possibilidades em atos).

A educação, nesse contexto, deve oferecer condições para que os educandos deem forma manifesta e utilizável às suas potencialidades, seja no que se refere ao campo do Eu (estética/espiritualidade), ao campo do Nós (ética), ou ao campo do Ele (verdade, ciência).

A formulação de uma educação integral do ser humano, necessita, em sua base, de uma concepção integral do ser humano. Parece que Wilber faz isso. E para esta pesquisa teórica, nós assumimos a concepção desse autor como uma visão integral. Assim considerado, cabe à educação cumprir seu papel, buscando a formação integral dos educandos, a partir do reconhecimento, respeito e o despertar de suas potencialidades, as quais envolvem as quatro dimensões da experiência, em seus diferentes níveis.

Dessa forma, a prática educativa, tendo presente as possibilidades de cada educando, deverá criar condições para que cada um deles se desenvolva e manifeste significativamente cada uma de suas dimensões constitutivas.

A educação deve ajudar, nessa perspectiva, o direcionamento da autointegração do ser humano, com vistas à construção de uma genuína ação educativa, que contemple a integração das dimensões do ser humano como um todo. Isso envolve não só o mundo objetivo e empírico do conhecimento moderno, mas também o mundo subjetivo e espiritual da sabedoria.

É um ledo engano a ideia de que, acumulando ensinamentos e adquirindo técnicas, estamos educando-nos. Isso só nos trouxe separatividade e guerra.

Basta olhar ao nosso redor e verificar o estado em que nos encontramos com a corrupção, violência e volúpia. [confuso].

Enquanto houver no Ser Humano uma distância significativa entre a sua ação, o seu pensamento e o seu sentimento, ou seja, entre o sentir, o pensar e o agir, é evidente que não haverá autointegração; portanto, não haverá autoconhecimento e tampouco autotransformação, mas sim fragmentação. E o que pode produzir um fragmentado, se toda ação produz uma reação igual e em sentido contrário? Assim, não haverá ação criativa, mas sim ação condicionada.

Nossa intenção é contribuir para a realização de um processo educativo que prime pela unidade de pensamento entre os conhecimentos religioso, filosófico e científico, a partir da compreensão da necessidade de integração de todos os níveis e de todas as dimensões do ser humano. Para tal, volvemos nossa atenção para o estudo da consciência, na prática educativa formal, da educação infantil à universidade, como temos experiências a partir de Salvador/Bahia.

Estamos mais que confiantes, estamos convictos e certos de que a educação integral, fundamentada no estudo da consciência, responde aos anseios da educação para o século XXI. Pensamos, portanto, inspirados nos fundamentos de Ken Wilber, em uma educação que se dirija à totalidade do ser humano, e não apenas a uma ou outra de suas dimensões, ou a um outro dos seus níveis. Uma educação que não privilegie, prioritariamente, nem a espiritualidade, nem a materialidade, nem a individualidade, nem a coletividade, mas que integre todas essas dimensões e níveis.

A educação integral, a partir desses referenciais, esclarece, de uma maneira sempre nova, a necessidade que cada vez mais se faz sentir atualmente: a de uma educação permanente para o viver bem, isto é, que favoreça o equilíbrio dinâmico nas relações cotidianas. Com efeito, essa proposta de educação, por sua própria natureza, necessita ser exercida não apenas nas instituições de ensino, mas em todas as experiências da vida, individuais e coletivas, espontâneas e institucionais.

A visão integral do ser humano, sistematizada por Wilber (2000b), portanto, nos oferece um arcabouço bastante consistente para estudar, propor e encaminhar uma prática educativa integral.

É assim que Wilber (2000b, p.10) se expressa:

Uma verdadeira visão integral [...] deveria incluir a matéria, o corpo, a mente, a alma e o espírito tal como se apresentam em seu desdobramento através do eu, a cultura e a natureza. Deveria tratar-se de uma visão compreensiva, equilibrada e inclusiva, uma visão que abraçasse a ciência, a arte e a moral, uma visão que englobasse todas as disciplinas (desde a física até a espiritualidade, a biologia, a estética, a sociologia e a oração contemplativa) e se expressasse através de uma política integral, uma medicina integral, uma espiritualidade integral.

Eis o enfoque da visão integral do autor: não se limitar a nenhum dos quadrantes, e, sim, identificar as conexões entre eles e suas manifestações no ser humano.

7. Considerações finais

Com essa compreensão do pensamento de Wilber, criamos, para nosso entendimento, uma configuração, uma moldura para o encaminhamento de uma prática educativa integral. Ou seja, com ele, assumimos que o ser humano (1) se desenvolve individual e coletivamente num processo dialético de interação entre essas duas perspectivas; (2) ao se desenvolver, transita e toma posse de diversos níveis de consciência, que são níveis de percepção e vivências da realidade; (3) que esses níveis de percepção se manifestam horizontalmente em quatro dimensões – “Eu subjetivo”, “Nós comunitário”, “Eu objetivo” e “Nós objetivo sistêmico” – e verticalmente nos níveis “sensório”, “mente” e “espírito”.

Essa compreensão permite que a educação, em geral, e o educador, em específico, possam dirigir sua ação com atenção aos aspectos que permitirão ao educando se desenvolver de uma forma integral. É um modelo, uma moldura que pode e, a nosso ver, deve orientar pais, mães, educadores em geral e educadores escolares em sua ação cotidiana.

O projeto educativo deve, então, buscar integrar, e não afastar o ser humano de si mesmo. Isso implica em ter presentes seus valores subjetivos, além dos objetivos, proporcionando aos educandos uma formação adequada, para que possam descobrir suas tendências e valores essenciais, bem como a finalidade de existir, que inclui seus deveres naturais para com a vida.

Entendemos que caberá ao educador saber expressar, com suas ações, o valor das coisas, quer materiais e/ou espirituais. É evidente que o educador disposto a educar necessitará, para tal, inicialmente, observar a si próprio e

verificar o que tem como valor, demonstrando-o através de sua conduta. Afinal, é a conduta do ser humano que denuncia seu grau de consciência.

Em síntese, além de ser o resultado de um processo de investigação teórica, esta pesquisa tem por objetivo ser um convite aos educadores para que se engajem numa prática educativa integral, o que significa olhar o ser humano pela sua multidimensionalidade.

Essa abordagem vislumbra um novo panorama mundial da educação, permitindo-nos caminhar para além das limitações e restrições das dimensões material, objetiva e científica, incorporando, ao mesmo tempo, as dimensões espiritual, subjetiva e estética. Afinal, sair do mundo das ilusões, limitações, restrições, libertar-nos dos grilhões de nossa própria inferioridade e nos volver para a senda da busca do novo não é tarefa de fácil execução, porém, quem sai não quer mais voltar.

Temos a esperança de ter contribuído, com este artigo, para o repensar da educação, indicando, a partir dos estudos de Wilber, caminhos que conduzam ao conhecimento, autoconhecimento e autorrealização do ser humano como o maior legado da perspectiva de uma prática educativa integral.

Referências bibliográficas

BARRETO, Maribel Oliveira. **O papel da consciência em face aos desafios atuais da educação**. Salvador: Sathyarte, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

WILBER, Ken. **Los tres ojos del conocimiento: la búsqueda de un nuevo paradigma**. Barcelona, Espanha: Kairós, 1999.

WILBER, Ken. **Psicologia integral: consciência, espírito, psicologia, terapia**. São Paulo: Cultrix, 2000a.

WILBER, Ken. **Uma teoria de tudo: uma visão integral para os negócios, a política, a ciência e a espiritualidade**. São Paulo: Cultrix, 2000b.

WILBER, Ken. **Uma breve história do universo: de Buda a Freud: religião e psicologia unidas pela primeira vez**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2001a.

WILBER, Ken. **A união da alma e dos sentidos**. São Paulo: Cultrix, 2001b.